



FALA DISCENTE

IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA CARREIRA CIENTÍFICA

Bruna Kelly Santos de Souza

*Mestre em Neurociências
pela Universidade Federal
Fluminense*

Como aluna de doutorado, sempre que algum aluno da graduação vem conversar comigo sobre a carreira acadêmica gosto de contar um pouco sobre a minha trajetória. Diferente da maioria dos alunos da minha turma da faculdade, não saí determinada a seguir a carreira acadêmica e muito menos tinha escolhido em qual área gostaria de me tornar pesquisadora. Somente após 7 anos de formada, aos 30 anos de idade, que eu finalmente descobri a minha paixão pelas Neurociências. Como foi essa descoberta? Talvez eu conte em uma próxima publicação. O que eu gostaria de falar agora é sobre o quanto importante foi esse tempo em busca pela minha realização profissional.

Acredito que muitos pensam, assim como eu pensava, que 30 anos é tarde para iniciar uma carreira na academia. Confesso que a princípio ficava bastante frustrada, mas hoje vejo que tudo aconteceu quando deveria acontecer.

Depois de formada, segui para uma especialização, passei alguns anos trabalhando em diferentes laboratórios e fiz um ano de mestrado em outra área, trabalhando com pesquisa clínica. Todo esse percurso me fez adquirir experiência em diversas áreas que eu nem imaginava que, hoje, me ajudariam a abrir portas para parcerias fundamentais para o desenvolvimento do meu projeto de doutorado, trabalhando com pesquisa experimental. Além disso, finalmente estava madura o suficiente para tomar uma das decisões mais importantes da minha vida.

Sou suspeita ao falar, mas, a meu ver, professor e pesquisador estão entre as profissões mais nobres e importantes que existem. Tornar-se um deles, ou ambos, deve ser uma decisão tomada com muita responsabilidade. Mas, infelizmente, o que vemos hoje dentro dos laboratórios e da pós-graduação é um cenário bem diferente deste. Já na iniciação científica, os alunos veem seu período de estágio única e exclusivamente como uma fonte de renda e não, como o próprio nome diz, uma oportunidade de iniciar sua carreira científica.



Atualmente, estou realizando um estágio sanduíche interno, então executo meus experimentos em laboratórios de outra universidade no Brasil. E é com muita tristeza que afirmo que este cenário é o mesmo em diferentes instituições. A proporção de alunos que ingressam na iniciação científica somente pela bolsa é muito maior do que aqueles que realmente enxergam esta como parte da sua formação. Está cada dia mais raro ver um aluno que aceite fazer um estágio de iniciação de forma voluntária, por exemplo, porque acredita que é uma oportunidade de aprendizado, aquisição de experiência ou mesmo para poder decidir em qual área gostaria de seguir carreira.

Na pós-graduação não é diferente. Os alunos enxergam a pós como uma fonte de renda temporária até encontrar algum outro trabalho. Reparem que eu falei “outro trabalho”. Acredito que todos concordamos que a pós-graduação é o nosso trabalho, mas precisamos nos conscientizar que, antes de mais nada, é parte da nossa formação profissional. Penso que, muitas vezes, não refletimos que ser mestre e/ou doutor(a) é apenas um pré-requisito para alcançarmos o nosso objetivo maior que é nos tornarmos pesquisadores. Objetivo este que requer anos de estudo, muito trabalho e responsabilidades. Afinal, tornar-se pesquisador é assumir um compromisso com a Ciência e com a população. Não quero entrar em questões político-sociais, ressaltando que as pesquisas e os pagamentos dos pesquisadores, em sua grande maioria, são financiados por dinheiro público. Mas são pontos que, além da satisfação pessoal/profissional, também devem ser levados em consideração na hora de optar por seguir a carreira acadêmico-científica.

Eu sei que tudo ocorre de maneira rápida e, muitas vezes, confusa. Que precisamos fazer escolhas importantes em um período no qual a nossa própria biologia não nos favorece. Afinal, aos 20 e poucos anos nosso córtex pré-frontal ainda está em desenvolvimento e, talvez por isso, nossa capacidade de tomar decisões esteja um pouco dúbia. E é justamente por isso que ressalto: não hesite em levar o tempo que for preciso para definir suas escolhas. Hoje, aos 30 e poucos, tenho orgulho de dizer que tudo aconteceu quando e como tinha que acontecer. Minhas experiências definiram não só minhas escolhas, como também a profissional que eu sou hoje e a pesquisadora que pretendo me tornar um dia.

Por muito tempo eu acreditei que para ser cientista precisava “ter o dom”, hoje eu sei que fazer pós-graduação e seguir a carreira acadêmica tem muito mais a ver com esforço, dedicação, persistência, resiliência e amor. Preciso dizer que não está sendo um processo fácil. Além dos desafios e dificuldades comuns durante a execução de um doutorado, ao optar por fazer meu estágio sanduíche em outro estado, eu abdiqei de estar próxima da minha família e amigos e vim morar em um lugar onde não conhecia ninguém e sobreviver recebendo o mesmo valor que qualquer doutorando recebe (não recebo auxílio extra) em uma cidade cujo custo de vida é bem maior. Por isso afirmo: é preciso muito amor para fazer dar certo. Mas, quando você ama o que faz, vale a pena.



**Bruna Kelly
Santos de Souza**

*Biomédica
Doutoranda e mestre
em Neurociências
pela Universidade
Federal Fluminense.*

*Aceito em 26 de agosto de
2024.*